

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	
data	26 / 01 / 99
cod	PE D 0 0 1 1 0

Belo Horizonte, 11 de dezembro de 1996

Caríssimo Sr. Editor Especial de SUPER INTERESSANTE
RICARDO ARNT

Há alguns dias, tive o prazer de falar com a REGINA, simpática "representante" da redação, a quem telefonei motivado pela reportagem sobre os "índios gigantes".

É com satisfação que agora retorno, registrando na presente, o que naquela ocasião, tivemos a oportunidade de conversar.

Gostaria de dizer inicialmente que sou assinante da SUPER, desde o número 1, portanto, acho que já se pode contar aí, uma década de convivência de cultura e lazer.

Sou oficial-aviador da Aeronáutica (agora, na reserva) e durante a minha carreira, tive a felicidade de voar e conhecer bem todo este nosso País e especialmente, a Região Amazônica, tão desconhecida na sua realidade, apesar do quanto dela se fala (e mal).

Embora, já tenha pretendido escrever-lhes outras vezes, acabei não o fazendo por um motivo ou outro. No entanto, a reportagem apresentada neste último número, sobre os Panarás, superou minha "preguiça".

Trabalho muito bem feito, sem fantasia e bem sequenciado, levou-me de volta a um passado, não muito distante, rico em lembranças, pois que como responsável por algumas missões da Força Aérea na região, fui testemunha ocular de muitos dos fatos por si narrados.

Em abril de 1972, fui designado para operar com o 9º Batalhão de Engenharia do Exército que iniciava à época, na área considerada, os trabalhos de topografia da rodovia Cuiabá-Santarém. Tendo por base o antigo Destacamento de Proteção ao Vão de Cachimbo, era minha missão fazer o apoio aéreo das expedições que se embrenhavam na mata e a cada dia, mais distantes, levando-lhes todo tipo de suprimento, através de lançamento aéreo ou pousando quando possível.

Foi desta forma que "entrei" um pouco na história dos "índios gigantes", pois assim que as expedições do Exército se aproximaram do Peixoto de Azevedo, passei a apoiar também, e eventualmente, a expedição da FUNAI, chefiada por Cláudio e Orlando Villas Boas, com os quais tive a honra e o prazer de conviver e partilhar parte dos acontecimentos.

Como contei a Regina, infelizmente, perdi em uma das minhas mudanças de militar, uma boa documentação fotográfica feita por mim, in-

cluindo até, foto dos índios atirando flechas em meu avião e, acredite, o avião foi atingido várias vezes e numa delas, retornei a Cachimbo com três flechas presas no avião (em partes não metálicas) que lá ficaram guardadas e não sei se ainda existem.

Meu trabalho na região se prolongou até exatamente, e infelizmente, às vésperas do contato definitivo com os índios, pois fui deslocado para nova missão em outra região.

Antes da nossa chegada, a região do Peixoto de Azevedo era um verdadeiro paraíso, particularmente, onde assentavam-se as aldeias Panarás. Porém, como bem exposto na SUPER, o desenrolar dos fatos foi bastante desfavorável aos "donos" da terra e, de certa forma, eram previsíveis e quase inevitáveis as conseqüências.

Em relação à reportagem, gostaria, se permite, acrescentar algumas observações que, talvez, não influenciem nada a sua matéria, mas que poderão ficar como registro.

Com respeito à situação geográfica, detalhista por natureza profissional no que diz respeito à cartografia, gostaria de observar que nos mapas ilustrativos da matéria, tem-se a impressão que o rio Iriri corre para o sul, tornando-se um afluente do rio Peixoto de Azevedo. Na verdade, o Iriri que nasce mais a leste de Cachimbo, corre para o rio Xingu. Há um outro rio, pequeno, que nasce também, próximo àquela localidade e que, este sim, corre para o sul e é conhecido como rio Braço Norte, encontrando-se quilômetros abaixo com outro pequeno rio, este conhecido como rio Braço Sul, e assim unidos, caminham e deságuam no Peixoto. Próximo a este último encontro de águas é que se encontravam em 1972, as principais aldeias Panarás.

Ponto a ser pesquisado e confirmado com os especialistas, é o significado da palavra "Kreen-akarore" (que parece ser a expressão gráfica mais correta) que para os indígenas significaria "cabeça raspada".

Outro detalhe que posso confirmar ~~com~~ sem nenhuma dúvida: muitos indivíduos daquela tribo tinham realmente estatura elevada e posso garantir como bom avaliador de medidas, que 2 metros era uma altura bastante realista e particularmente, esses "grandões", me pareceram, alguns, ter traços fisionômicos bastante diferenciados dos mais "baixinhos"; fiquei com a impressão de haver-se intrometido ali, uma outra raça.

Uma boa fonte de pesquisa para a matéria, poderia ser também, a então revista REALIDADE, que acompanhou passo-a-passo os fatos no local, através de um dedicadíssimo repórter e cujo nome se bem me recordo, era Mamprini.

Ainda um outro aspecto que merece citação é de que esses índios

faziam expedições até o destacamento da FAB em Cachimbo e em 1967, teriam provocado um grande susto nos seus integrantes que solicitaram reforços a Belém, sede da 1ª Zona Aérea, responsável pela área. Foi então, enviado um avião C-47 com tropas e a partir daí, desenrolou-se a epopéia do 2068 (número do avião), história bastante noticiada, pois a aeronave perdeu-se ^{no}noite amazônica e caiu na mata, após voar horas às cegas, sobrevivendo apenas alguns dos mais de 30 passageiros, milagrosamente encontrados muitos dias depois.

Bem, parece que me alonguei demais e acho que na redação deve haver muito trabalho à espera.

Finalizando, quero parabenizá-los também pela matéria "Medo de Avião" (e discordo quando se diz que no acidente dos "Mamonas", os controladores de vôo tiveram parte da culpa. É algo a ser melhor conversado) e faria um pedido: publicar um encarte (poster) com uma visão geral do nosso céu com todas as constelações.

A disposição da SUPER, agradeço a atenção e consideração na leitura desta "matéria". Ufa!

Cordialmente,



JONAS HENRIQUE SILVEIRA

Rua Santo Agostinho, 604 apto 503
Bairro Sagrada Família
31035-480 Belo Horizonte - MG
Tel (031) 461 8628 Fax 463 2249